

LYON-CAEN, Judith. La lecture et la vie. Les usages du roman au temps de Balzac. Paris: Tallandier, 2006. 383 p.

Lerice de Castro Garzoni

Doutoranda em História Social/UNICAMP

Bolsista FAPESP e CAPES

“O que sabemos sobre a França de 1830?” A questão que introduz o livro remete à importância dos romances para a construção de uma imagem da sociedade francesa sob a Monarquia de Julho (1830-1848). A autora lembra que, a partir de livros de Stendhal e Balzac, os leitores atuais carregam uma série de referências “romanescas” sobre esse período. Com diferentes abordagens, especialistas da história francesa do século XIX também recorrem a essa produção literária, empregando-a como fonte em pesquisas acadêmicas. Judith Lyon-Caen dialoga com esses “usos” da literatura com o objetivo de refletir sobre as relações entre esses romances e seus leitores naquele momento histórico.

A partir da leitura de cartas enviadas a escritores de sucesso, a autora identifica um intenso “desejo de ler” entre leitores e leitoras, o que estaria relacionado à busca por entender a sociedade e o seu papel enquanto indivíduos. Porém, em um momento em que médicos, policiais, censores e outros profissionais buscavam compreender o caos social, quais teriam sido os méritos de enredos ficcionais na compreensão da realidade? Ao invés de atribuir o sucesso desses romances, assim como seu potencial em descrever a sociedade, à genialidade de seus autores, Lyon-Caen pensa em termos históricos, atentando para o conteúdo e a materialidade dessas publicações, assim como para as apropriações feitas pelos escritores, críticos e leitores. Tendo em vista essas preocupações, a autora consegue integrar debates sobre a relação entre literatura e história e sobre os aportes metodológicos da história da leitura ao longo da apresentação de sua pesquisa empírica.

Baseado na tese de doutorado da autora defendida em 2002, o livro conta com prefácio do orientador, Alain Corbin, e está dividido em cinco capítulos. Além da introdução, do epílogo e da conclusão, há ainda um anexo com a transcrição de cartas inéditas enviadas por leitores a dois grandes escritores da época, Sue e Balzac. No

primeiro capítulo, Lyon-Caen explica a “situação dos romances” na França nas décadas de 1830 e 1840. Ela identifica que, ao mesmo tempo em que o gênero romanesco ganhava respeitabilidade na imprensa, uma forte crítica anti-romance crescia nos círculos eruditos, o que implicaria em uma exclusão dessa produção no final dos anos 1840.

O fato de apresentarem a sociedade contemporânea como tema central de inúmeros enredos e as novas formas de publicação, como os romances em fascículos ou em folhetim, caracterizariam essa produção literária. Seu desenvolvimento coincide, portanto, com o surgimento de um novo tipo de jornalismo, a respeito do qual a autora oferece um panorama bastante esclarecedor. Apesar do sucesso entre os leitores, comprovado pelo aumento das vendas e das tiragens de diversos materiais impressos, a crítica literária condenava esses romances por não corresponderem a padrões morais e estéticos, além de corromperem os indivíduos e a ordem social. Ao longo da década de 1840, as críticas se acirram e essa literatura passa a ser vista como um problema político, sendo apontada inclusive como a origem da própria revolução de 1848, argumento que deslegitima do movimento, como apresentado no epílogo.

No segundo capítulo, a autora inicia a discussão sobre as cartas de leitores aos autores de sucesso que, ao lado de outros documentos, como a imprensa e as memórias, foram amplamente empregadas na investigação. Como um gênero, cujo surgimento simbólico foi A

Nova Heloísa de Rousseau, as cartas aos escritores constituem, desde o final do século XVIII, um sinal de celebridade e reconhecimento junto ao grande público. Enquanto fonte, Lyon-Caen destaca que essas cartas não fornecem “experiências reais de leitura”, já que seus autores empregam uma série de filtros e estratégias para se apresentarem e chamarem a atenção de seu célebre interlocutor. Por outro lado, essas cartas fornecem evidências sobre o tipo de leitura feita, que a autora qualifica como, a um só tempo, intensiva e extensiva. Ela conclui que “*um modelo de leitura que abre o indivíduo a sua verdade e se exprime por uma urgência de escrever domina, portanto, as representações da experiência de leitura nas cartas dirigidas a Sue e a Balzac*” (p.125). Isso contradiz a visão dos críticos literários da época, segundo os quais esses romances originavam a evasão e o distanciamento da realidade.

Nesse sentido, o terceiro capítulo é dedicado à discussão sobre a relação entre romance e verdade na visão dos críticos e dos leitores. Para a crítica literária de então, orientada por princípios clássicos, a “verdade” era um dos critérios mais importante para a avaliação das obras, sendo que os romances realistas eram desqualificados por serem “exagerados” ou “mentirosos”. Ainda que não participassem dos debates eruditos, os leitores compartilhavam desse “universo cultural”, segundo o qual o romance seria considerado segundo sua relação com a verdade. A autora constata que, nas cartas, muitos deles buscavam con-

tribuir com os autores ou corrigi-los, fornecendo informações e exemplos a partir de suas próprias vivências. Ao mesmo tempo, é possível observar que os leitores passam a “ler” suas experiências pelas lentes do romance, em um processo intenso de “escrita de si”.

Mas, diferente do que os críticos alegavam constantemente, os leitores não eram ingênuos a ponto de confundir ficção e realidade. Nesse momento, Judith-Lyon faz uma importante reflexão sobre a relevância desse critério de “verdade” em um momento em que os romances vinham sendo publicados no rodapé das páginas dos jornais: afinal, qual a relação entre ficção e realidade na imprensa? Como os próprios contemporâneos compreenderam e se apropriaram desses limites, por vezes tão fluidos? Para muitos críticos, a presença de romances no jornal esvaziava o sentido político das notícias. Como contraponto a essa visão, Lyon-Caen recorre ao exemplo de Eugène Sue e da publicação de *Mistérios de Paris*, mostrando como o autor jogou de forma estratégica com essas fronteiras, o que caracteriza um uso fortemente político do folhetim.

O quarto capítulo analisa os “usos” da literatura feitos pelos leitores, ou seja, como eles se veem no “espelho do romance”. A partir de estudos de caso, a autora constata que os leitores não só se identificavam com determinados personagens, como construam, a partir de elementos do romance, sua identidade. Segundo ela, “os romances de Sue e de Balzac não provocam um sentimento de

inferioridade ou de frustração, mas permitem elucidar e fornecer palavras para experiências desse tipo” (p.243). Chama atenção o cuidado da autora em tomar as cartas como “singularidades”, já que os próprios contemporâneos buscavam definir o coletivo a partir de suas experiências pessoais. Mais uma vez, a análise das reações aos *Mistérios de Paris* é particularmente interessante, pois permite mapear diferentes “efeitos” do romance em um público heterogêneo (homens, mulheres, burgueses, operários).

O último capítulo discute quais eram, afinal, as expectativas e ambições de escritores e leitores em relação à literatura. Para os primeiros, havia a ideia não só de sobreviver, mas de ganhar notoriedade e fama com a atividade literária. Entre os leitores, Lyon-Caen constata a esperança de alcançar uma justiça “literária” pois, nas cartas aos autores de sucesso, não raro se observam pedidos para que os romancistas “transformem suas histórias singulares em romance”, como se a publicidade conferisse um status mais digno a essas pessoas. O epílogo trabalha a questão da revolução de 1848, cujos detratores argumentam ser um dos piores efeitos da leitura de romances, o que deslegitimava o movimento. Na conclusão, a autora comenta as características da literatura na segunda metade do século XIX que, influenciada pelo paradigma científico e intimidada diante da consolidação da disciplina sociológica, perde seu potencial descritivo da realidade. Assim, com exceção de *Os Miseráveis*, cujo projeto data de um pe-

ríodo anterior, a autora considera que os romances publicados a partir da década de 1850 deixam de representar e elucidar o social, tendo um impacto bastante distinto sobre os leitores.

Como dissemos acima, um dos grandes méritos do livro é agregar os debates teóricos à análise da documentação, não desenvolvendo elocubrações teóricas desconectadas da pesquisa de arquivo. Nesse sentido, o livro de Lyon-Caen não só explica sobre a recepção aos romances franceses nas décadas de 1830 e 1840, como fornece um bom exemplo de como proceder enquanto historiador. Por outro lado, tendo em vista a importância das cartas aos escritores de sucesso para o trabalho, a autora poderia ter explicado melhor como estão organizados os fundos com os quais trabalhou.

No início do livro, ela lembra que os documentos de Balzac e Sue constituem uma exceção em relação aos de outros escritores, pois apresentam uma série de cartas de leitores desconhecidos (125 cartas a Balzac, 415 a Eugene Sue). Ela afirma que “*essas cartas constituem uma pequena amostra de toda a correspondência recebida pelos romancistas e não se sabe, além disso, como elas foram selecionadas*” (p.22). Apesar disso, no final do livro, ela especifica que as cartas estão arquivadas na Biblioteca do Instituto Francês e na Biblioteca de Orleans. Ao meu ver, todas informações poderiam ter sido reunidas, na tentativa de traçar a história desses fundos e explicitar para o leitor a sua organização.

Em relação ao conteúdo, é pertinente observar como a autora aborda a questão das leitoras. Ao longo da análise, há uma série de contraposições entre cartas de leitores e leitoras e, sem mencionar o conceito de gênero, Lyon-Caen faz um uso muito interessante das diferenças de gênero a respeito da escrita e recepção dessas cartas. Um tema muito instigante, abordado no final da obra, é a recorrente desconfiança em relação às formas de cultura destinadas ao grande público. A autora considera que se pode pensar em uma “longa duração” dessa resistência, cujos sentidos e formas mudam ao longo do tempo. Em *La lecture et la vie*, somos convidados a acompanhar os diálogos (nem sempre cordiais) entre críticos, autores e leitores de romances publicados ao longo da Monarquia de Julho, em uma análise que evidencia o sentido político das apropriações da literatura nesse momento histórico.

Submetido em: 14 de Julho, 2010

Aprovado em: 8 de Setembro, 2010